

[re] pensando o site

6 propostas...

Esta é a terceira parte do exercício de observação e experimentação do site, iniciado em 2008, publicado como “[re] descobrindo o site” e “[re] visitando o site”. Enquanto as duas anteriores visavam coletar depoimentos, testar percursos e refletir sobre a navegação e circulação neste espaço, esta etapa pretende apresentar caminhos para suas modificações. Ocultos, na maioria das vezes.

O subtítulo oscila entre a pretensão e a despretensão, entre o megalômano e o modesto, entre a solução e o problema... Ao contrário de um palpite (que eu deixo para posts isolados no blog), “proposta” é um nome que remete a algo mais complexo e elaborado, a um sistema articulado. É inadequado, eu imagino, ser feita por uma pessoa só porque, a meu ver, propostas devem incluir vários pontos de vista e ficam melhores se forem construídas em conjunto, com certo cuidado. No caso de um site, deste espaço de convivência entre muitos, isto se torna imprescindível.

Apesar da ousadia convertida em equívoco, insisto nas “propostas” e já explico. Antes, sobre o título, é bom lembrar que se relaciona a um certo “vício”. Efe diz gostar de organizar as coisas em três. Eu gosto de considerar duas. Para mim, a terceira parte é aquela que fica vazia, para abarcar o imprevisto, o não planejado, o incerto, o mágico, o inconcluso, o não pensado ainda; pode se tornar explícita ou não; às vezes se dilui no tempo.

Entre as duas etapas iniciais do tal exercício e esta, rolou a inscrição no Mídia Livre – um edital do MinC – e a premiação, com uma possibilidade imediata de atenção para estas questões da ocupação no site e de outras dimensões da Infralógica. Foi aí que a terceira parte começou a se configurar: no intervalo entre compreender melhor a Rede MetaReciclagem (no momento de responder as perguntas do formulário junto com efe), entre vislumbrar oportunidades para ela, e o agora, quando a premência das ações se revela. Portanto, na dúvida entre “dois+” e “três”, um múltiplo me pareceu adequado, até porque o trabalho com o site é grande. “Seis” é de bom tamanho. “Doze” me faria lembrar “os trabalhos” e ando com certa preguiça de tarefas hercúleas. Fiquemos com *6 propostas...*

Além disso, tenho cá pra mim que todas as coisas do mundo já foram inventadas. Nem sempre criadas exatamente do jeito que a gente queria e a nossa parte é justamente essa: mudá-las a nosso gosto (afinal de contas, somos todos egocêntricos). É um trabalho pequeno, se considerarmos a história da humanidade. Adequado à nossa pequenez (espiritual, talvez, dependendo de como anda nosso ego). Nada de grandes esforços, portanto. Nem tampouco cair na cilada de que criar é algo genial. Uma premissa romântica, que custa a ser superada ou mesmo reinventada na contemporaneidade (a apropriação não derruba esse tabu). Não. Criar (e apropriar-se) é algo próprio do cotidiano. Tão banal quanto ele.

E nessa lógica do vício, da preguiça, do comodismo, fui dar uma olhada num livro que há tempos ensaio ler: “Seis propostas para o próximo milênio”, escrito por Ítalo Calvino. Meu primeiro contato com este autor está por completar uma década, começou com o “Cidades Invisíveis”. Foi numas aulas de dança, como estímulo e referência para estudos sobre o espaço. Deslocamentos, mapas e trajetórias começaram a me interessar cada vez mais desde então. E a experiência foi boa, principalmente porque proporcionou o trânsito entre diferentes linguagens artísticas (tudo bem que vi um espetáculo teatral baseado no mesmo livro que não foi tão bom assim. Nada que um pouco de benevolência, em prol da diluição das fronteiras entre o conhecimento e os modos de expressão, não resolva).

No último fim de semana, me propus então a me aventurar pelas tais seis propostas, escritas em 1985 para serem apresentadas como uma série de conferências em Harvard. O nome conferências, a princípio, não me agradou. Tenho certo preconceito com as práticas acadêmicas, é verdade. Elas me cansam. Mas como pretendia chegar ao fim do volume, investiguei melhor o termo e me satisfiz com a definição “reunião de pessoas com interesses comuns”. Pude continuar e ainda no prefácio já me deparei com outro obstáculo. As seis propostas seriam apenas cinco, já que o autor morreu antes de escrever a última. Fiquei na dúvida se isso seria um mau presságio; se valeria a pena esse paralelo de processos. Logo pensei que seria uma bobagem. Ao contrário, isso poderia funcionar como um alerta: a vida é curta mesmo. Vamos aproveitá-la, então. De preferência, fazendo as coisas das quais gostamos, nos faz sentir bem e plenos, perto de quem nos importa. Não precisamos ter pressa, mas é bom lembrar que não viveremos eternamente. Não desse jeito que conhecemos a vida (eu ainda não decidi se acredito em reencarnação). Os encontros no IRC – ou “reuniões de pessoas com interesses comuns” - sobre a infralógica talvez precisassem dessa sensação de finitude... Fui aos poucos substituindo a ideia ruim por outras melhores: o fato de não termos a sexta conferência traria a

liberdade para imaginá-la. Por um instante, pensei que tinha algo em comum com o Calvino: considerar que uma parte das coisas não precisa ser concluída. Outra característica dos encontros sobre a infralógica... sua essência, talvez...

Não me arrependi de passar o sábado nessa companhia. O fato do livro ter sido escrito na década de 80 não o torna desatualizado. Além do mais, não poderia lê-lo na época. Ainda estava na escola lendo “A fada que tinha ideias” ou algo do tipo, não conhecia física quântica. Aliás, nem sabia que física existia. Esses assuntos do universo eram tratados na aula de ciências. Um nome genérico no qual cabia muita coisa: os bichos, as plantas, as experiências, as fases da lua. Não sei porque a vida escolar caminha no sentido inverso ao da sabedoria. A gente vai sabendo cada vez mais sobre cada vez menos. E ganha títulos por isso. Reconhecimento. Não entendo.

Acho que o Calvino deve ter fugido da escola. Ou não se deixou influenciar por sua vertente maligna. Por aí já dá pra perceber que gostei do livro. Também por outro motivo egocêntrico... essa mania de achar que o que é bom se parece com a gente ou vice-versa. O autor é “do contra”. Para admirar a leveza, reconhece a natureza do peso. Para explicar uma coisa, cita duzentas. Para expor seu pensamento, o identifica na fala dos outros. Para tratar do simples, abusa do complexo.

Por essas e outras, deduzi que as propostas para o site já estavam prontas e o que eu tinha a fazer era encontrá-las. Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência é tudo o que precisamos. Mais nada... o nada... Assim o site vai ficar bom... muito bom...

Sobre a Leveza

Num primeiro momento, quando penso em leveza, logo me vem à mente a home. Suas cores, principalmente, e a sensação de bem-estar que elas provocam. Não consigo saber se vieram por uma escolha, o que confere identidade, ou se são o resultado de uma atitude cautelosa. Se elas expressam uma harmonia por ausência de confronto ou se advêm de um equilíbrio pleno, dinâmico.

É um bem-estar aparente e parcial. Avançando das cores em direção à forma de apresentação do texto, a leveza vai ficando distante. Esta impressão se adensa à medida em que saímos da home e entramos nos universos específicos, paralelos. O texto corrido se agiganta, ganha volume, mas não o peso. A leveza vai aos poucos se convertendo em monotonia, ausência de diferenças. E a primeira sensação agradável começa a confundir, sobretudo se a frequência de acesso ao site aumenta. Nos acostumamos e passamos a gostar dele do jeito que é. Nesse estado o bem-estar retorna, se soma ao incômodo.

Se é o aspecto, a forma do texto, que carece de delicadeza, o mesmo não se pode dizer da linguagem ou teor. A espontaneidade é uma aliada. A generosidade também poderia ser. É, muitas vezes. Dispensável em alguns casos, provavelmente, se estiver em risco a essência.

A dificuldade que impede o voo está relacionada ao fluxo. Este sim, pesado, denso, desanimador. Os obstáculos recorrentes configuram um cenário austero, que destoa da fluidez de uma conectAZ ou da fragilidade de um esporo. Enquanto a primeira tem uma identidade líquida, o outro não se opõe ou diferencia pela rigidez sólida, mas pela resistência (como na biologia?). E resistência requer maleabilidade, flexibilidade, resiliência, em última instância... leveza.

Sobre a Rapidez

Esta característica remete à velocidade, um atributo do movimento, uma qualidade do tempo. Ficarei com o último. Em se tratando de uma convenção, me parece que o melhor a fazer é ignorá-la para alcançar a existência dele. Nada de referências fixas, portanto.

Ao “desconvenionalizá-lo”, a necessidade de mensurar, de certo modo, se esvai. Isto não significa, necessariamente, abstrair e eliminar toda e qualquer referência às datas, mas pensar sobre a ideia de sequência: seria possível pensar em “pontos” ou “superfícies” em vez de “linha” do tempo? Pontos são as unidades mínimas das linhas, tornam possível sua invisibilidade, garantem que ela exista em potencial, dependendo do percurso e não do modo de apresentar os fatos, histórias, práticas, ensaios, ideias. Superfícies

geram sobreposições, intersecções, conexões. Pontos e superfícies poderiam proporcionar a experiência da rapidez, da simultaneidade das trajetórias, dos encontros.

Rapidez não denota pressa, mas faz lembrar agilidade. E novamente penso nos atuais entraves da brevidade do fluxo. Navegar pelo site é, hoje, experimentar um tempo estendido. Nada contra, porque isso estimula a paciência, leva à surpresa e à descoberta, fortuitas, na maioria das vezes. Assim como no caso das cores, não sei se tal experiência é uma escolha, acaso ou a única possibilidade. E ser a única não é o mesmo que ser singular. Nesse sentido, ser a única opção seria algo pobre para um ambiente tão repleto de intenções e pessoas, com diferentes pontos de vista, vindas de lugares diversificados, com repertórios igualmente vastos (vago isso, não? Óbvio, claro.).

Ah, em tempo: é importante não confundir sequência com processo, aquilo que determina que cada coisa leva o tempo que deve levar, nem um pouco mais, nem menos.

Sobre a Exatidão

Exatidão me faz pensar em precisão. Uma palavra estranha esta segunda. Ao mesmo tempo em que a associo à perspicácia, sagacidade, parece uma “necessidade grande”, algo de que se carece muito. Quando relaciono esse conceito à experiência no site, me vem à cabeça o recurso da pesquisa e a indexação dos conteúdos ou também aquilo que comumente se chama de “manutenção” e “atualização”.

Não cogito a armadilha de classificar os pensamentos em algo atual ou não, porque mudam a cada instante. Um espaço que abriga e faz surgir ideias não pode estar desatualizado, ele apenas se modifica. Prefiro acreditar nisso a sugerir que as pessoas cuidem do site e passem a registrar cada nova ideia que apareça e esteja relacionada a algo ali presente. Não dá. Inviável. As pobres criaturas teriam que abandonar seus lares e viver ali no site, exclusivamente. Isso seria uma dupla aniquilação.

Concentro-me então na “manutenção”, que eu substituiria por “permanência”. É curioso concluir que as palavras também são vítimas de preconceitos e julgamentos. Essa, por exemplo, carrega consigo uma nesga da estagnação. Como exercício de superação desse resquício da pequenez humana, proponho que ultrapassemos esta condição por livre associação. Permanência pode ter a ver com continuidade, perenidade, constância, perseverança. Pode estar ligada a algo ininterrupto e duradouro.

Vamos lembrar que esta é uma prática de superação do preconceito. Se ainda assim estiver difícil, podemos usar a vida como exemplo: um conjunto de dias com acontecimentos aparentemente insignificantes e alguns episódios especiais. Nascer é o primeiro e mais importante, depois vem um tempão de aprendizados muito básicos dos quais nem lembraremos mais. Falar é um deles. Mais um grande intervalo até que aconteça algo significativo de novo. Nesse meio tempo alguns rituais fazem a diferença, as festas de aniversário (os nossos, dos amigos e das coisas etéreas, como o ano. É estranho pensar que um monte de gente se junta, sem nem se conhecer a fim de proclamar “Feliz Ano Novo”, não é?). Tudo pretexto para um repensar, uma divisão da vida em etapas que não nos deixa esquecer que vez ou outra é bom olhar melhor para o que andamos fazendo.

Portanto, minha proposta para a reinvenção da permanência são os rituais. Ainda não sei quais. Nem tampouco imagino como eles se dão no site. Mas reafirmo essa “necessidade grande”. A tal precisão que leva ao título deste tópico.

Sobre a Visibilidade

Nome extenso para um ato corriqueiro: ver, com o seu aspecto complementar inerente – ser visto. Agora tenho que evocar Brecht e a teoria do distanciamento acompanhada de seu “analfabeto político”.

A primeira providência para o site é brincar de Alice, numa versão quântico-contemporânea de espelhos sob a ótica dos fractais. Se olhar e ver muito mais do que você mesmo. Por isso o Brecht, ou a licença para o ego. O exercício de tomar distância e depois voltar pra cena enriquece.

A outra primeira providência é tratar da importância das pessoas conseguirem se enxergar no site. Numa

perspectiva do divã, é fundamental que se reconheçam como pertencentes àquele espaço, mesmo que transitória e temporariamente. O pertencimento aqui não é no sentido da propriedade, mas num outro mais gestáltico, de ser o todo e a parte reciprocamente.

E já que saí da literatura de Calvino e fui pro teatro, ao falar em “ver”, não posso deixar de citar as artes visuais. Um artista chamado Cildo Meireles diz uma coisa interessante sobre a relação do público com os objetos contemporâneos: eles precisam conquistar as pessoas. Há um nanoinstante em que o indivíduo olha e é fisgado, uma conversa que pode ser extremamente rápida, uma piscada talvez, mas é ela que abre a porta para o algo mais. Sem esta eficácia da captura por parte do objeto, a relação fica prejudicada. Não vale a pena pensar na oposição objeto-sujeito. Essa dualidade não faria sentido.

Sobre a Multiplicidade

Falar sobre multiplicidade para um site da MetaReciclagem é incorrer num pleonasma.

Sobre a Consistência

Sendo o último assunto, torna-se quase impossível escapar de uma conclusão, uma retomada ou uma síntese. Mas como eu já admiti a indolência logo no início, não me culpo. Estão todos avisados.

A consistência seria, então, a articulação de todos os outros temas. Consistência é a combinação [quase] perfeita de leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. O desafio talvez seja não cair na coerência. Oscar Wilde dizia que esta é uma virtude dos idiotas.